

A LAGRIMA

Quinzenario illustrado

Ed. responsavel: José Francisco da Silva

Barcellos, 27 de julho de 1902

Red. e offic.: Typographia Barcellense

Anno, Barcellos, 480; Provincias, 600



JOSE' MARCELLINO

Ao recebermos a apunhalante noticia da morte brusca do director da banda dos Bombeiros Voluntarios, ficamos subjugados pela dôr, na sua magestade silenciosa e solemne!

A morte! Difficilmente se poderá resolver esse duro problema, embora a sciencia busque enveredar-se em minuciosas pesquisas, e a philosophia se aguenta a tirar illacções!

Morrer, eis o que ha de positivo na vida, que é limitada entre dous polos distinctos:—illusão e duvida!

Porquê e para quê?

Como responder a estas espantosas interrogacões?

Todas as investigacões filhas da crença religiosa... da sciencia... produzem estonteamentos, desnorteamentos phenomenaes!

Embora de todos os dias, de todas as horas, de todos os instantes, a morte confunde-nos, illude-nos, desorienta-nos, vae-nos ao coração, falla-nos á sensibilidade, sangra-nos a alma!

*
José Marcellino, não sendo nosso patricio, mas sinceramente affirmando que «esta terra lhe comeria os ossos», mostrava a affeição que votava a este torrão.

Convidado ha annos para dirigir a extincta banda Barcellense, desempenhou d'esse mandato, sob os graves aspectos da disciplina e do saber profissional.

Um dia saiu d'esta villa, para—com boa remuneração—dirigir uma banda em Almeirim e notamos—com prazer—como de longe satisfazia, mediante as suas forças monetarias, compromissos que aqui criara.

Era um homem honrado!

Regressou a Barcellos e lembrou-se um dia de fundir n'uma, as duas bandas, Voluntarios e Barcellense, e era de notar o tacto, a finura, a paciencia e boa vontade que o animavam na consecução d'esse desideratum que entendeu progressivo para a Arte e para a Moralidade da povoação!

Despontou para o Marcellino uma nova aurora de... martyrio!

Que de desgostos e de ingratições! que elle tantas vezes occultava, porque possuia a grande virtude de nem os amigos magoar com as suas queixas!

Desgostos e ingratições sem conta, podemos dizel-o abertamente: porque se a classe musical da terra possui homens serios e dedicados, tambem não menos são aquelles que n'essa Arte sublime teem em vista, não um prazer d'espírito, mas a ganancia mesquinha, torpe, miseravel!

A «Lagrima» acompanha essa grande manifestação de dó, sincera e espontanea, de domingo passado, n'um soluço d'amargura.

Barcellos, 26 de julho.

«Barcellos por dentro»

E' definitivamente no dia 31 do corrente a tão decantado inauguração do theatro Gil Vicente.

Chamamos, mais uma vez, a attenção dos nossos compatriotas, para as varias difficuldades e sacrificios com que luctamos para urdir e pôr em scena, o «Barcellos por dentro».

1.^a Não haver n'esta terra plateia para determinadas especialidades do theatro, sendo preciso fazer um trabalho de molde a agradar ao maior numero d'espectadores;

2.^a Não lançarmos mão, para evitar susceptibilidades, dos ridiculos da politica, o que era uma *mina* apreciavel;

3.^a Não ser facil a aquisição de amadoras, sendo mister contractar atrizes no Porto, vista a falta n'estas redondezas d'esse elemento essencial em qualquer produção de theatro;

4.^a Tornar-se verdadeira imprudencia dar giro n'um meio tão restricto, como é o nosso, á phrase de sentido duplo, que muitas vezes salva a situação de hem difficis *lances*;

5.^a Ter o guarda-roupa e o scenario de serem muito modestos, por que o rendimento da nossa casa d'espectaculos—mediante o inauxiliar desconto da *quarta* aos sur.^s accionistas—deixa a receita bruta unicamente d'uns 120\$000 reis ao empresario, que tem de alçar com todas as despesas, e, isto, estando a casa á cuinha e sendo os preços dos logares muito elevados, como são;

6.^a... E a maior: ser Barcellos uma terra pequena... e pobre!...

Com a morte do inditoso maestro José Marcelino, teve o collega da redacção, Domingos Carreira, de tomar sob sua responsabilidade o papel importantissimo do arranjo da musica para o «Barcellos por dentro».

Como cada artista tem a sua *mancira*, o seu *modus*, foi o nosso amigo obrigado a transformar os numeros em que já tinha trabalhado o fallecido.

Tendo sómente oito dias para composição do que não era musica sua original, para copia e ensaios, o distincto amador da arte de Verdi vê-se em palpos de aranha para não faltar. Mas temos esperanza que, mais uma vez, ha-de ter quem lhe faça justiça á sua intolligencia irradiante e espinhoso trabalho.

Os badalos

A «Lagrima» faltaria ao mais sagrado dos deveres se n'esta occasião tão solemne não viesse dar um publico testemunho de quanto presa os melhoramentos locais, associando-se de alma, vida e coração, ao jubiloso regosijo da Confraria da Senhora do Terço e moradores no Campo da Feira.

O dia 7 de julho ficará memoravel na historia dos grandes acontecimentos de Barcellos como um dos feitos de que se orgulhará o nosso querido torrão.

Nem os 17000 peitos; que já viu armados, nem o proprio dia em que fez tarde; nem as luctas contra a creação da comarca de Espozende; nem a heroica acção do alcaide de Faria, tem a minima semelhança com o brilhante, epico, inimitavel e estrambotico caso que convulsionou em doida alegria os supra citados, chegando alguns a cair de cocarinhãs.

Um carrilhão, como não ha outro, foi guindado para a formosa torre d'aquella igreja com a assistencia de numerosos basbaques.

Os executantes, pela ordem hierarquica dos cargos, poderam apreciar as bellezas dos badalos e a excellencia da sua corpulencia.

O primeiro foi o juiz que tocou duas musicas originaes—*Hymno festivo*, *A pesca das trutas*—uma valsa de lindissimo elleito. Quando chegou a vez ao Joaquim Martins, sabem? o nosso Hilario? o delirio foi ao infinito. Aquillo não eram sinos, era mais que a Patti, mais que um concerto de rouxinões, mais que musica celestial tocada pelos anjos...

Musica alegre e triste, sacra e profana, desde o *pianissimo* ao *fortissimo*, desde o ralen-tando ao alegre vivace, tudo se fez ouvir.

O ultimo foi o Daniel que, com notavel maestria, *picou á Missa* e *tocou a Senhor fóra*.

A LAGRIMA

O juiz convidou depois os amadores a fazer a experimenta. Um d'elles de genio galhofeiro tocou a canção popular:

Ora vae tu, ora vae tu,
Ora vae, vae,..
Tu bem queres, eu não posso
Ail Ail...

e as raparigas, sempre promptas á folia, organisaram logo entusiasticas danças. (Este delirio foi mais pequeno que o anterior).

O carrilhão até altas horas da noite nunca esteve calado tocando com grande frenesi. A fachada da igreja esteve toda illuminada. A dynamite atrou os ares. A satisfação era evidente em todos os rostos, e os mais dorminhocos só poderam adormecer quando acabou a festa.

O carrilhão compõe-se de 2 sinetas e uma campainha.

A mesa da Confraria pensa fazer concorrência á banda dos bombeiros, levando para as festas o carrilhão de baixo do braço.

Reatando, «A Lagrima» dá cordealissimos e sincerissimos emboras a todos.

Chronica Versatil

Pobrito do Soucasaux!...
Anda magro, pensativo,
Não tem aspecto de vivo,
Causa mesmo compaixão!
A seismar no Gil Vicente,
Nas despesas que tem feito
Para levar a effeito
A tal inauguração.

Pr'a actrizes (bóas mulheres)
Uma quantia calada.
Para luz... não digo nada,
E' não dar pio... calada!
E, então, scenographia?...
Não chegam trinta *man* reis!
Tudo—uns cento e oitenta e seis,
Fóra despeza miuda!

Pobrito do Soucasaux!
Se, ás vezes, um amador
Falta aos ensaios, que dôr,
Que tristeza o atrophia!
Quasi chora de pezar!
Sobresaltos, desaleutos.
Que não pagam os momentos
Da mais intima alegria.

Pobrito do Soucasaux!
Anda, vira, corre, lucta,
N'uma constante labuta,

Do theatro á direcção,
Da direcção ao theatro,
Para tratar das cadeiras
De mui diversas maneiras,
Para dar breve a funcção.

Pobrito do Soucasaux!
Dêsse lá por onde dêsse,
Se fosse eu que me mettesse
Em coisa tão fatalista,
Embora com prejuizo,
Mandaria bugiar
Para o mais *porco* logar,
Essa *Senhora* revista.

Outro dia perguntei-lhe,
Vendo-o de cara sombria,
De que é qu'elle soffria,
Qual era o son triste mal.
Respondeu-me compungido:
—E' uma molestia nova
Que resiste a toda a prova:
Theatrite cerebral!...

Furão.

ALBUM DA «LAGRIMA»

Em 1897, ao rev. João Manoel Trocado, quando então capellão do Hospital da Povoia do Varzim, foi dirigida a seguinte carta:

*Requerimento que Faz
Thereza Mulher de José Gomes de S.
a baixo a Signanadu*

*Thereza de Jesus e Sá
Faz peído do que se segue a vossa
Ere.^{ma} Santidade o Bigario de Christo
na terra a baixo de Sua Santidade
pontif-se rumano.*

*por vos serès D. da Santa Ca-
za Rial da Meserigordia no Oospital.
Pedia avossa Subrania Santidade
Para me a de meter hum menino
da beira do mais nuvinho no Curso
dos estudante pra padre.*

*Sua mai—TH. DE JES. E SÁ
17—febr.—1867.*

Estames de plantas monocotyledoneas d'efusão em vinho branco com uma pequena parte de gesso cré é o melhor anticallícida conhecido.

João Candido

A LAGRIMA

REFLEXÕES

Nos «Novos»

Ser poeta, é ter a grande intuição
De tudo quanto é nobre e magestoso!
E' sentir palpar o coração
Por tudo quanto vive e é formoso!

Ser poeta, é ver em cada arbusto, em cada flor,
Uma vida que sento e que respira amor!

E' ter um ideal, sincero e puro,
Crystalizando a ideia p'r'a Verdade,
E' sepultar o odio n'um monturo
E só fallar do Bem á humanidade!

Ser poeta, é ver na fé, na esperança e caridade,
Sublimes perfeições d'amor e d'equidade!

E' a philosophia resignada
Que dulcifica o vate na má sorte!
E' ser justo, é ser bom n'esta jornada,—
Soffrer na vida e não temer a morte!

Ser poeta, é amar Deus, os ser's e a natureza!
E' amar o Supremo, o fragil e a belleza!

E' cantar a chorar, rir a soffrer;
Criar uma ambição, vel-a fugir;
E' sonhar um amor, vel o morrer...
Rochedo de Sysipho até cahir!

Ser poeta, é ter um fim que mostre o sentimento
Que louva em cada estrophe o genio e o talento!

E' na arte, exultar os seus primores;
Na sciencia, o seu estudo admirar!
Cantar da Paz os limpidos fulgores
E da creença as doçuras respeitar!

Torpezas confundir com ar's de suavidade,
Não é versos fazer, é triste veleidade;

Ser poeta, é desferir o accordo altisonante
Que presta a Deus e aos homens um culto deslumbrante!

Barcellos—18—7—902.

Arnaldo Braz.

Com a devida venia damos publicação á seguinte carta d'amor e que nos dizem ser da lavra do nosso amigo Coutinho:

Heleninha, Amovavel

Saudinha da boa é o que lhe dezeja este só seu do intimo e fundo d'alma.

Meu peito obriga-me a fazer-lhe esta amovavel declaração visto que passo noutes e noutes sonhando com o que me pertence.

Como já sabe terminei com o que sabe de lá debaixo e de cá de cima e como penço só em

juntar agora para o fim da nossa vida quero e peço que não ande com tularias sem que tenhamos um momento de satisfação e gosto para ambos pois que como se diz que a menina vae cazar quero dar-lhe autorização sendo moço capaz e a meu gosto ou convinar-mos assim e outro não perder tempo com mais ninguém porque peço-me

Espero me diga aonde e quando familiarmente podemos converçar um momento em vida nova.

Sou como sempre o verdadeiro incançavel
22—7—902. *Arthur*

O Nhonhó, muito digno marçano do nosso Chico Carmona, rapaz puchado a versos, produziu ha dias o seguinte trabalho, que muito tem sido admirado pela sua *claque*, que é grande:

O marôto do Soucaux
Pra que lhe havia de dar
Publicar o meu verso
Sem alguma ordem lhe dar

Arreda grande patife
Até acho isso de mais
Padece um pouco da bóla
Vou mandal-o para cascaes

Agora senhor burrego
Não faça como já fiz
Tenha um pouco de socêgo.

E sabem porque o Nhônho arremetteu contra nós? Porque o quizemos proteger litterariamente, inseria-lo n'um dos ultimos numeros d'esta folhinha, a sua primeira producção litteraria.

Continue seu Nhonhó, que nós fazemos votos os mais sinceros pelos seus progressos na arte de versejar.

A "Lagrima", em Guimarães

Em Guimarães ha n'um hotel embalsunada certa ave que a uma pergunta do illustre professor Manoel José Nunes Pereira, o João Candido respondeu chamar-se aguia, quando era garça, da familia das pernaltas, como no meio da de grande risota, o Nunes qualificára.

O Antonio Esteves interrogou logo o João sobre quem tinha sido seu professor em Historia Natural e obteve lesto a informação de que tinha sido o Nunes.

O amigo can lido João empheo pouco—praticamente—de passiros. Quando muito sabe que o nosso Pegas é bipede...